

O ARQUIVO DO CENTRO DE HISTÓRIA DA F.L.U.L.: MEMÓRIA INSTITUCIONAL E CATÁLOGO (1954-1995)

O actual Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa teve origem no Centro de Estudos Históricos e Arqueológicos, criado em 1942¹. Este último, em 1952, foi dividido em duas secções: uma de História, e outra de Arqueologia. A Secção de Arqueologia estava a cargo do Professor Manuel Heleno, sendo designada a Professora Virgínia Rau para dirigir e orientar a Secção de História². Em 1958 era extinto o Centro de Estudos Históricos e Arqueológicos criando-se no seu lugar dois novos Centros: o Centro de Estudos Arqueológicos e o Centro de Estudos Históricos³.

A revolução de 25 de Abril de 1974, como é sabido, trouxe consigo enormes transformações, em quase todos os aspectos da vida nacional. A investigação científica não foi excepção, sinal disso foi a extinção do Instituto de Alta Cultura e a criação do Instituto Nacional de Investigação Científica. À semelhança do Instituto de Alta Cultura, e também em virtude dos acontecimentos de Abril de 74, o Centro de Estudos Históricos sofreu uma profunda alteração a vários planos, como seja ao nível da direcção, que até 1974, e depois do falecimento da Professora Virgínia Rau, estava a cargo do Professor Jorge Borges de Macedo, tendo passado, em 1975, a ser gerido por um grupo de alunos e professores. No entanto a falta de funcionários e os sucessivos assaltos conduziram a uma situação caótica e ao desaparecimento de livros, material e colecções de revistas em quantidades elevadas. Para obstar a esta situação, e na intenção de reactivar o Centro enquanto espaço de pesquisas, reuniram-se os professores do Departamento de História nos inícios do ano lectivo de 1975/1976, tendo sido eleita a comissão proponente do Centro, sua futura comissão directiva⁴. A onomástica foi também ela alterada, passando a designar-se Centro de História das Universidades de Lisboa, tal como a orgânica e linhas de investigação. O Centro de História das Universidades de Lisboa foi homologado a 23 de Abril de 1976⁵. A 31 de Dezembro de 1980 fecha-se um ciclo, como já havia acontecido em 1974, e inicia-se outro, onde a

¹ Cf. Luís Raposo, «A acção de D. Fernando de Almeida na direcção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia», *O Arqueólogo Português*, Série IV, vol. 21, Lisboa, 2003, p. 22.

² A.C.H./Cx.1/Cp.2/Doc.1, Ofício do secretário do I.A.C. para Virgínia Rau, Lisboa, 1 de Agosto de 1952.

³ A.C.H./Cx.5/Cp.12/Doc.6, Ofício do secretário do I.A.C. para Virgínia Rau, Lisboa, 26 de Fevereiro de 1958.

⁴ «Vária. Centro de História da Universidade de Lisboa», *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, vol. I, Lisboa, 1979, p. 183.

⁵ A.C.H./Cx.8/Cp.16/1/Doc.2, Ofício do I.A.C. para o C.H.U.L., Lisboa, 10 de Maio de 1976.

Arqueologia passa a ter uma grande importância na vida do «novo» Centro de História da Universidade de Lisboa. Esta forte presença da Arqueologia encontrava-se bem patente nos projectos apresentados ao Instituto Nacional de Investigação Científica, bem como através da criação de uma linha de investigação específica subordinada à mesma. A forte presença e a multiplicação de projectos de Arqueologia determinaram uma mudança ao nível do nome do Centro, passando este a designar-se por Centro de Arqueologia e História da Universidade de Lisboa. Esta fase é bastante efémera durando cerca de três anos (1990-1993). Em 1993, o Centro de Arqueologia e História da Universidade de Lisboa acaba por dar origem a dois Centros distintos: o Centro de História da Universidade de Lisboa e o Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. O Centro de História da Universidade de Lisboa é reestruturado em vários planos, como seja ao nível da direcção, onde deixa de haver uma comissão directiva passando a existir, como outrora, a figura do director. Foi designado o Professor Joaquim Veríssimo Serrão que se manteve em funções até 8 de Julho de 1995⁶. De referir que a actual designação data de 2007.

Depois desta breve exposição sobre a evolução institucional do Centro de História aborda-se agora o núcleo central deste trabalho: o tratamento arquivístico do seu fundo documental. Mas antes é essencial definir as características gerais dos arquivos das instituições de investigação científica. Estes produzem dois tipos de documentos: os administrativos e os resultados das investigações efectuadas. No que se refere ao seu destino, os primeiros, transversais ao funcionamento das instituições, são normalmente conservados no próprio organismo ou então são transferidos para os arquivos centrais ou definitivos das Faculdades ou Universidades quando perdem a sua função legal e administrativa. Os segundos, que foram utilizados pelos investigadores nas suas pesquisas, artigos ou ensaios, que carecem de valor legal ou administrativo e cuja vigência é de curta duração, o processo de conservação é, na maioria dos casos, inadequado⁷.

Apresentadas as características gerais dos arquivos das instituições de investigação científica explicar-se-á agora o método utilizado no tratamento da documentação do arquivo definitivo do Centro de História da Faculdade de Letras da

⁶ A.C.H./Cx.21/Cp.48/Doc.1, «Activity Report of the Centro de História da Universidade de Lisboa», Lisboa, 1995, p. 5.

⁷ Carmen Salmerón e Mar Neira, «La importancia de un patrimonio documental. Los archivos científicos», *Archivos universitarios e historia de las universidades*, Madrid, Instituto Antonio de Nebrija de Estudios sobre la Universidad, Universidad Carlos III de Madrid, Editorial Dykinson, 2003, pp. 255-256.

Universidade de Lisboa. A tarefa passou por cinco etapas distintas. Numa primeira fase procedeu-se à recolha da documentação. A seguir foram analisados os documentos para aferir do seu conteúdo. Num terceiro momento realizou-se a classificação dos documentos de forma a criar conjuntos documentais que permitissem a subsequente construção do quadro de classificação. Posteriormente efectou-se a descrição documental. Por último acondicionou-se a documentação.

Aborda-se de seguida o processo de construção do quadro de classificação do arquivo definitivo do Centro de História. O quadro de classificação foi planeado e estruturado de acordo com uma classificação funcional. Neste sentido estabeleceu-se um modelo de tratamento dos documentos de arquivo para obter, mediante processos de identificação, hierarquização e de codificação, categorias de conjuntos documentais estáveis e delimitados. Neste sentido, o fundo Centro de História foi dividido em duas secções, sendo que cada uma das secções integra séries documentais. Esta divisão deu origem à formação das seguintes secções: Gestão Administrativa e Investigação.

Procura-se, agora, justificar a opção pelo catálogo como forma de representar a informação contida no arquivo definitivo do Centro de História. O catálogo deve ser escolhido, segundo alguns autores⁸, para o tratamento de documentação com um elevado grau de importância científica. No caso do arquivo definitivo do Centro de História este princípio aplica-se na sua totalidade pelo facto de ter sido um dos primeiros centros de investigação científica no campo da História a serem instituídos em Portugal e que contava com nomes cimeiros da historiografia nacional. Assim, e pelo valor da documentação do arquivo definitivo do Centro em estudo, foi elaborado um catálogo como forma de representar o trabalho de descrição.

Para concluir, explicar-se-á o modo de construção do catálogo e as dificuldades encontradas. A elaboração do catálogo do Centro de História teve como fim principal a organização do seu arquivo definitivo, bem como a representação da informação contida nos documentos. O catálogo do arquivo definitivo do Centro de História compreende os níveis seguintes: Fundo, Secção, Série, Documento Composto e Documento Simples.

A descrição ao nível do fundo integra a descrição de todas as outras unidades arquivísticas, seguido das secções que representam uma junção de documentos de cariz semelhante. A seguir encontram-se as séries que se reportam a um conjunto de documentos, que neste trabalho, estão organizados cronologicamente. Dentro das séries

⁸ Veja-se o caso de José Ramón Cruz Mundet que refere o seguinte no seu *Manual de Archivística* «cuando se opte por un catálogo debe hacerse sólo para preparar aquellas colecciones que representen un alto valor científico», p. 289.

encontra-se o último nível de descrição deste catálogo, os documentos compostos e os documentos simples. Neste nível de descrição encontram-se documentos com actividade, tramitação e assuntos semelhantes⁹. Na descrição do fundo foram contemplados praticamente todos os campos de descrição previstos na *ISAD (G)*. Para os restantes níveis seleccionaram-se os seguintes campos: código de referência; nível de descrição; título; datas; dimensão e suporte; âmbito e conteúdo; idioma; características físicas e requisitos técnicos; sistema de organização (utilizado até ao nível da série); notas e cota. No que se refere às dificuldades encontradas estas prenderam-se, essencialmente, com a definição de alguns emissores, destinatários e datas presentes em determinados ofícios ou cartas.

Tiago Pinto

⁹ De referir que as acções inerentes à descrição foram orientadas pelas regras e normas vigentes, quer a nível nacional (ODA), quer a nível internacional (ISAD (G)).